



# TRIBUNA Livre

10  
Novembro  
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

PAULO BARROSA DE MACEDO ANTONIO JOSE DA COSTA JOAO BARROSA DE MACEDO  
PROPRIEDADE: ISMAIOS BARROSA DE MACEDO Composição, Impressão e Redacção: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR TEL. 0815 — AMARES

## ISTO VAI DE MAL A PIOR

Tal e qual. As actividades municipais, que acusamos há meses, de viverem sob o signo da inércia e do marasmo, acentuam o desinteresse dos responsáveis pelos problemas que lhes respeitam e que o concelho necessita ver resolvidos.

Triste. Desolador. Tão desolador e tão triste que ninguém, absolutamente ninguém — de baixo, de ci-

ma, do meio ou dos lados —, tem já esperança que o mal se resolva com o comando presente.

Absolutamente certo. Incontestavelmente verdade. Tão certo e tão verdade que o próprio percebe, sabe e sente, que tem de ser assim e vai ser assim, tanto que nem sequer busca o lenitivo para o mal.

Quando? — No dia em

que um concelho possa ter força, por virtude de tantos prejuizos recebidos, para despertar.

Quando os homens se convenceram que a responsabilidade impõe um trabalho contínuo e absoluto, dado com tanto entusiasmo quantos os meios dele precisam, e o nosso concelho é tanto mais precisado quanto é certo tudo estar por fazer.

Doze anos de inactividade não é um período que possa deixar pequena lacuna. É, precisamente, causa de prejuizos enormes que

(Continua na 4.ª página)

## Chegaram os russos...

### Deus salve as nossas almas!

Grito este de angústia, mas ao mesmo tempo de fé em Deus, que significa, simplesmente, que ao chegar a morte com a metralha russa partem os patriotas húngaros para a Vida Eterna. Isto, que nós católicos compreendemos perfeitamente, é para as hordas russas um paradoxo, a própria negação das suas torpes doutrinas.

Chegou a morte do cor-

po com as bombas incendiárias de fósforo, com toda a impiedosa metralha de guerra e segundo se diz, para mais requintado cortejo de atrocidades, com os proibidos gases asfixiantes banidos na segunda guerra mundial, e, no último adeus à vida, os patriotas lutam à pedrada e com arremesso de garrafas e de tudo o que encontram à mão, não porque estejam confiados no poder destas armas inofensivas

(Continua na 4.ª página)

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

...

Consumiu-se em campo a, mas foi extraordinariamente forte como o róbur da floresta que lhe deu o ser; e não é por mero capricho ou simples fantasia que o ramo de carvalho, entrelaçado de louros, circunda como um símbolo o escudo nacional.

Não é fruto de imaginação, mas a verdadeira interpretação das crónicas do tempo, isto que acaba de referir-se à volta do Castelo de Bouro, que poderia ter-se denominado «Castelo das Montanhas», como antes se chamara Mosteiro das Montanhas *Monasterio in montanis* (Liber Fidei), o Mosteiro de Bouro, em cujos abades vieram assentar prerrogativas e obrigações dos antigos casteleiros, com o título de capitães-mores em seu Couto.

Os habitantes de Santa Marta, Goães, Vilela, Seramil, Paredes-Secas, Paranhos, Caldeias e Sequeiros, como das demais colações da «terra de Bouro», confluíam nesses pontos pré-estabelecidos e com funções determinadas de subirem ao Castelo, fazerem velada de armas e a ronda das montanhas.

Todos os reis de Portugal, especialmente desde D. Dinis, descansaram nos povos destas terras a defesa da Portela do Homem, isentando-os de dar soldados, cavalos, éguas e palhas, só com a obrigação de servirem, para este efeito, o dom abade de Bouro.

Quem hoje observa com indiferença e quase despeito, das cidades e das planícies, o ar severo e rude destas ásperas montanhas, onde só parece reinarem os seres da natureza bruta, com sua habitual pujança, e os habitantes da selva, dificilmente pode de todo convencer-se que elas foram, por muito tempo, autênticos alfobres de ricos homens e cavaleiros; de uma boa parte da nobreza da Espanha, a qual se achou comprimida neste estreito recanto do noroeste peninsular, durante alguns séculos que a causa da sua libertação, do jugo sarraceno, caiu por vezes no desespero e no indiferentismo.

Por aqui derramou-se então, obscuramente, muito sangue de heróis que abriram e fecharam os olhos para a luz do dia, sem que lograssem ver desanuveados os horizontes demasiado estreitos da pátria oprimida, assaltada a cada passo por ondas de infieis.

E é para estes heróis desconhecidos, que a História não alcançou, que tento erguer aqui, como se fôsse um

(Continua na 6.ª página)

## Confraria de S. Pedro de Rates Besteiros — Amares

É no próximo dia 13 de Novembro — (3.ª feira), que tem lugar, às 10 horas, na Igreja parquial de Besteiros, a reunião de todos os irmãos Sacerdotes que pertencem a esta Confraria Clerical, afim de se realizar ali, o jubileu anual, constante de ofício solene, missa cantada, procissão, confissão, etc. Esta confraria actualmente erecta na Igreja parquial de São Paio de Besteiros, devia, antes

estar erecta numa das nossas Igrejas Matrizas, desta vila de Amares, para melhor acesso do clero, prestígio da vila e do concelho, e a ela deviam pertencer todos os sacerdotes existentes no Concelho e tomarem parte no jubileu — e após este solene compromisso e Santos sufrágios para com os nossos queridos colegas já ceifados pela morte, realizar-se-

(Continua na 6.ª página)

## A COOPERAÇÃO

Foi posta a circular mais uma valiosa revista bimensal de cultura, informação e divulgação técnica, «A Cooperação». Esta bem elaborada revista trata, através das suas várias secções, de assuntos da mais flagrante actualidade no domínio da técnica, sem esquecer os altos valores morais, intelectuais, económicos e sociais.

Ao mesmo tempo que nos compete agradecer a pernuta que nos foi falcutada, desejamos e prevemos o mais auspicioso futuro a esta publicação, porque, realmente, reúne condições tão propícias à sua propagação e interessa tão vastos sectores da vida nacional, que o futuro lhe deve realmente sorrir, como lhe deseja muito sinceramente «A Tribuna Livre».

## Em prol da mensagem desportiva, em Braga

Sempre que nos detemos perante o panorama desportivo bracarense verificamos, com mágoa, que só podemos limitar a nossa observação por uma reduzida e escassa perspectiva, dado que nele apenas se assinala, única e simplesmente, como elemento de actividade e interesse, a prática e doutrinação do futebol. (O que em patins tem deparado com muitos entraves e, para nós, ele tem somente sido praticado nas secretarias, onde os contorcionistas da palavra lhe têm embaciado a carreira, que poderia atingir fulgurante plano se o elenco directivo da Associação Regional tivesse a ampará-lo um mínimo de esforço das esferas superiores).

O desporto de Braga tem-se limitado àquela modalidade (o futebol), e esta circunstância mantém-se já por longos anos de estagnação, do que resultou, lamentavelmente, um esquecimento absoluto da verdadeira noção da mensagem do desporto.

O futebol tem consumido todas as energias, todos os entusiasmos, mas, se entendemos que, talvez como nunca, se torna exigente que para ele nos voltemos, presentemente, afoita e cuidadosamente, amparando todas as boas-vontades e participando na obra de revalorização que os seus responsáveis a si próprios impuseram no sentido de fazer voltar o SPORTING CLUBE DE BRAGA

ao lugar de honra e prestígio de onde, acidentalmente, foi desalojado, entendemos também que é necessário dar início a um ressurgimento desportivo-atlético, cujos benefícios, desde já, podemos avaliar em toda a sua extensão. A energia e entusiasmo canalizados, até aqui, para um só objectivo, em prol dum grupo, devem distribuir-se rumo ao engrandecimento duma mensagem, em prol duma colectividade.

Por mais de uma vez que temos aludido ao esforço e colaboração dos bracarenses na grande e meritória obra que realizou dentro do desporto, não só regional, mas também

(Continua na 6.ª página)

# TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

## EDITORIAL

### Uma história de amor de Vittorio de Sica

Vittorio de Sica é hoje, além de um dos mais abalizados estilistas do moderno cinema italiano, um dos mais fieis analizadores na cinematografia experimental e ensaística que, na Itália, a par de uma pujante intelectualidade—onde brilha o nome de Césare Zavattini—tomou uma nova perspectiva artística mundialmente conhecida pelo *neo-realismo*.

Há dias, embora muito superficialmente, tivemos ocasião de nos referir ao cinema italiano, no intuito de demarcarmos o seu genuíno perfil que, não sendo verdadeiramente uma corrente de estética, se valorizou e tornou como a mais viva dialéctica de raciocínio e discussão dos problemas humanos.

Pelo que temos observado, o cinema transalpino, nas suas linhas gerais e definitivas, debruçando-se sobre a alma e o coração agonizantes do homem actual, tomado, por assim dizer, como um foragido, e estranho ser num mundo que o repele e o escraviza, em nada é contraproducente ou revolucionário. Nem forma, tão pouco, pragmatismo. Quanto a nós, vemos no cinema italiano não exigência, mas demonstração. Nada sanciona; expõe; nada repele ou defende; projecta; nada delimita: rasga e aponta horizontes, mas horizontes iluminados pela luz doirada e benfazeja do sol, e não ficticiamente plasmado. É realista, porque nos fala e mostra o homem verdadeiro, com todos os seus pecados e com todas as suas virtudes, no desejo de o valorizar acima de todos os valores positivamente humanos.

Encastado de poesia, o cinema italiano, quase intelectual, em tudo é mensagem. Mensagem de paz, de compreensão, de justiça, de fé—talvez não de caridade—mas de amor autêntico (e aqui reside o cavilhão, a eterna Mensagem, pois que a Humanidade necessita de amor, mas de amor saído espontaneamente das fibras da alma e das raízes do coração).

É este o panorama do cinema actual da pátria de Dante e Papini. É isto que Sica e Rossellini nos vêm transmitindo através dessa arte mágica, hoje elemento de forte influência.

Mas é justo dizer-se que nem todos compreenderam a Mensagem da arte cinematográfica da Itália. Que nem todos compreenderam e que não compreendem ainda. Não admira, pois que nunca o homem, na sua fase de obcecção servil e materialista, foi capaz de aceitar, com humildade, a voz do dever e da consciência que muitas vezes toma a forma de verdugo, e é sinal de expiação.

Mas essa voz existe e é latente em todo o homem. E o homem ou acode ao seu chamamento ou está perdido. No entanto, Deus, depositou em todo o homem o seu infinito perdão de Pai e a sua infinita força de Bondade e Amparo.

Os mais belos e bons filmes italianos é isto que nos transmitem.

E embora um outro ângulo, foi isto o que uma vez mais observamos na história de amor que Vittorio de Sica nos conta em «*Estação Terminus*». História de amor que toma a forma de uma das mais loucas paixões humanas, mas não inconcebíveis nos momentos actuais, e, noutra ângulo, pois que não é puramente um problema social.

«*Estação Terminus*», que em tudo é natural, que em tudo é espontâneo, objectivo e incisivo em todos os pormenores que nós cuidadosamente podemos observar nos grandes centros de aglomeração humana—como naquela monumental estação ferroviária de Roma, centro de embarque e desembarque dos mais variados matizes sociais, com todas as suas manifestações próprias—se é uma esplêndida reportagem, é igualmente o *terminus* de um erro, de uma tragédia, de uma alucinação amorosa, como tantas alucinações.

E assim o *terminus* torna-se princípio de nova vida para uma mulher que regressa ao seu lar distante, para um homem que terá somente que aguentar com o peso tamanho duma recordação, mas somente uma recordação.

Quanto a nós, o conteúdo narrativo do drama entre a mulher casada, que é americana, e o rapaz solteiro, que

(Continua na 4.ª página)

### Grace Kelly na «ALTA SOCIEDADE»

Já se encontra em distribuição a produção de Sol C. Siegel para a Metro Goldwyn Mayer, ALTA SOCIEDADE, obra dirigida por Charles Walters, último filme interpretado por Grace Kelly.

Este filme, no qual contracenam ainda Bing Crosby, Frank Sinatra e Celesta Holm, bateu todos os «records» no maior cinema do Mundo—o Radio City Music Hall de Nova-York.

«High Society» é uma produção em Vista Vision.

### Um prémio para Susan Hayward pelo seu papel em uma mulher no inferno

Depois de obter o 1.º Prémio no Festival de Cannes com a melhor interpretação feminina no filme «UMA MULHER NO INFERNO» (I, 11 Cry Tomorrow), Susan Hayward acaba de ganhar a mais alta distinção no Festival Internacional do Filme, realizado em Cork, na Irlanda.

O filme em questão, primeiramente intitulado, em língua portuguesa, «Chorarei Amanhã», é uma produção da Metro dirigida por Daniel Mann.

## Crónica de Hollywood

### Doris Day recusa

### ver-se na tela

Ver diariamente a projecção das cenas que foram filmadas na véspera é algo importante na vida dos astros e estrelas de Hollywood

Doris Day, entretanto crê, que seria muito melhor para todos se os actores se abstivessem de fazê-lo.

«Prejudicam mais do que ajudam», explicou-nos Doris no set de Alfred Hitchcock para «O Homem Que Sabia Demais» (The Man Knew Too Much), um drama emocionante no qual ela é a estrela de Jimmy Stewart sob a Marca das Estrelas. «Começa-se a sofrer por causa de coisas tais como uma atitude que não foi tomada pelo ângulo de que gostamos, em vez de considerarmos a interpretação que demos às cenas. Essas exhibições são muito uteis ao director e aos técnicos, mas

## Cannes, 1956

### Festival Internacional do filme de Desenhos Animados

Em Cannes, durante quatro dias, teve lugar o III Festival Internacional do Filme Publicitário, especialmente consagrado a obras de desenhos animados e de marionetes.

Com a presença das mais destacadas individualidades do cinema publicitário, Hans Fischerkoesen, da Alemanha, Pearl e Dean, da Inglaterra; Nino Pagot, Paul Bianchi e Gino Gavioli, da Itália, Joop Geesink, da Holanda; Leo Salvin, da América, José Luis Moro e Francisco Macián da Espanha; e Paul Casalini, da França, foram projectadas quatrocentas e noventa películas que foram as que participaram no concurso.

A competição foi renhida, dada a qualidade artística das mesmas obras, tendo o Juri atribuído os prémios:

Grande Prémio Internacional para a Inglaterra, concedido ao Filme «Put Una Money for There», dirigido por Denis Gilpin; Palma de Ouro atribuída ao filme *Musica Nova*, italiano, realizado por Nino e Toni Pagot; em terceiro lugar foi distinguida a França que apresentou *Tricot tricot*. A Holanda, Bélgica, Ale-

manha, foram distinguidas com menções honoríficas, o mesmo aconteceu aos Estados Unidos, que apresentou «Ford Doctor» e Mr. Magoo Household», produzida por Stephen Bosustow.

A popular e talentosa estrela diz que agora prefere ignorar as tais exhibições parciais e limita-se a perguntar ao director que tal esteve o seu trabalho da véspera. Foi o que fez enquanto filmava «Love Me Or Leave Me» e é o que está fazendo enquanto filma «O Homem Que Sabia Demais».

«Recusei-me a ver o mesmo um metro de «Love Me Or Leave Me» que todo o mundo me diz que foi a coisa melhor que tenho feito até agora», declara Doris. «Charles Vidor, o director, pediu-me que me abtivesse de assistir às tais projecções porque julgou que tal fosse melhor para a minha saúde. Assim fiz e ele tinha razão. Estão fazendo o mesmo agora em «O Homem Que Sabia Demais». Alfred Hitchcock assiste à passagem da metragem da véspera todos os dias e eu me limito a confiar em seu julgamento».

Doris confessa que inveja as estrelas que resistem bem às objectivas de qualquer maneira e seja por que angulo for.

«Gostaria também de poder-me estudar objectivamente», continua ela. «Infelizmente não posso fazê-lo. Sei que nunca poderei ficar satisfeita comigo na tela e o melhor que tenho a fazer é evitar a sala de projecção».

A linda e querida estrela não é, entretanto, a única a recusar-se a assistir a projecções dos chamados «rushes» da véspera. A grande Ethel Barrymore é outra que não podia encará-los de maneira alguma.

A primeira Dama do palco e da tela, como é chamada, não pode compreender porque a sua atitude surpreende quem quer que seja.

«Além disso», diz ela com aquele clássico humor dos Barrymore, «eu também nunca me vi representando no palco...»

**Assinai e propagai a «Tribuna Livre»**

# TRIBUNA do CONCELHO

## G. D. "Leões da Modelar--5 Leões F. C. de Braga--4

No passado domingo, os Leões da Modelar defrontaram, em jogo amigável, no campo de jogos desta vila, os «Leões F. C. de Braga.» Como já é tradicional, sempre que se desloca a esta vila os Leões de Braga, o jogo é sempre aguardado pelo Público com grande interesse, levando ao campo de jogos Luiz Catheiros de Abreu, regular assistência, que durante todo o encontro aplaudiu calorosamente as duas equipas, em excepcional a equipa da casa. Sobre a arbitragem do Senhor Manuel Janela, auxiliado pelos fiscais de linha Manuel Victoriano e João Fernandes Barbosa, os Leões da Modelar apresentaram a seguinte formação:

Herculano, Bela, Janela e Dias; Ramiro, Almeida e Dourado; Fernandes, Luiz, Chico, Artur e Veloso.

Os grupos entraram no campo perante aplausos do público, tendo em seguida uma menina acompanhada da direcção dos Leões de Braga, entregue ao presidente dos Leões da Modelar, senhor Felisberto Macedo, um lindo ramo de flores. Antes do início do encontro foi guardado um minuto de silêncio, pelo falecimento de um membro da direcção dos Leões de Braga, motivo porque esta equipa se apresentava de luto.

O jogo teve início às 15 horas, tendo o grupo da casa ido para o ataque, o que nada resultou em virtude da defesa adversária estar atenta, não permitindo que os avançados rematassem com possibilidades de golo. O domínio dos locais foi pouco duradouro, vendendo-se agora os «Leões de Braga» virem ao ataque várias vezes, criando situações de perigo para as redes à guarda de Herculano. Aos vinte e cinco minutos surge o primeiro golo da partida, num lance de muita sorte. O médio centro da «Modelar» Janela, em luta com um avançado adversário levou a melhor e lançou um pontapé acerca de 50 metros sobre a baliza do antagonista, tendo o guarda redes meio mal a trajectória da bola, deixando que esta lhe saltasse à frente indo introduzir-se na baliza deserta. Ainda não tinham terminado os aplausos do público, quando numa jogada pelo centro do terreno o grupo visitante obteve o empate, com um remate fraco do seu interior, que Herculano inexplicavelmente não segurou deixando que a bola entrasse lentamente na baliza. Com os grupos novamente empatados a uma bola, o jogo ganha mais interesse, tendo as defesas trabalho árduo para sustentar o ímpeto dos avançados contrários. Mais felizes os «Leões de Braga» colocaram-se em vencedores com um golo sem culpas para a defesa da Modelar, que deixou que a bola cruzasse na sua frente. O grupo da casa reage prontamente instalando-se no campo do adversário que agora se defende de qualquer maneira e por vezes com muita sorte. Apesar do domínio dos locais, é ainda equipa dos Leões de Braga que marca a sua terceira bola numa jogada inesperada e contra a corrente do jogo, novamente com culpas para a defesa local, que pregada ao terreno, deixou que o avançado contrário se adiantasse e a tirasse a contar. Assim terminou a primeira parte com os visitantes a vencerem por 3-1, resultado que se não ajusta ao desenrolar do jogo. O grupo da Modelar voltou ao campo para a segunda parte, disposto a modificar o resultado, o que conseguiu, graças à maneira como todos os rapazes se empregaram não virando

a cara à luta e jogando com extraordinária vontade. Assim conseguiram reduzir a diferença com um belo golo de Chico, que depois de várias fintas desferiu forte remate entrando a bola no ângulo direito da baliza sem possibilidades de defesa para o guarda visitante. Com este golo os rapazes da Modelar insistiram no ataque e estabeleceram o empate com um golo de Dourado a aproveitar um centro bem medido da esquerda. Com os grupos novamente empatados, o jogo volta a ganhar emoção, lutando a equipa da casa pelo triunfo que parece não querer surgir. Novamente contra a corrente do jogo é a equipa dos visitantes que se coloca em vencedora com um belo pontapé do seu extremo direito a cerca de trinta metros que Herculano ligeiramente adiantado não pode sustentar. Reduzido a dez unidades, pois o árbitro expulsou o extremo Luiz por agressão a um adversário, o grupo da «Modelar» tem mais dificuldade em modificar o resultado. Entrou-se no último quarto de hora de jogo e vê-se o Grupo da casa bem apoiado pelos seus médios a tentar o empate que surge com um golo de Dourado, que o quiper numa jogada infeliz deixou escapar por entre as pernas. O jogo volta a ganhar interesse e quando o resultado parecia feito, a poucos minutos do fim, Chico numa jogada de insistência consegue o golo da vitória perante o delírio do público que dava largas ao seu entusiasmo. Assim terminou o jogo com vitória da equipa da casa, aliás merecida, pois mesmo longe do seu normal foi sempre a melhor notoriedade.

Salientaram-se no grupo da casa, Chico, Janela e Dourado, este último que fez uma grande partida.

No grupo visitante, todos jogaram com muita vontade Arbitragem regular...

### Figueiredo

Depois de terem proferido várias palavras ofensivas da moral pública, envolveram-se em desordem, Olívia da Silva «A China», casada, doméstica, e Eugénia de Jesus Vieira, «A Moca», casada, doméstica, ambas residentes nesta freguesia. Desta contenda resultou ficar ferida a Olívia com uma pequena equimose junto à vista e a Eugénia com outro pequeno ferimento num braço.

### Lago

Apresentou queixa no Posto da G. N. R. deste concelho, António de Sousa, casado, residente no lugar do Barral, contra Manuel Alves Fernandes, solteiro, jornalista e seu pai José Joaquim Fernandes, casado todos residentes nesta freguesia.

O Manuel é acusado de ter agredido o queixoso, a soco, mas, alegando tê-lo feito depois de o mesmo queixoso o haver difamado.

Seu pai é acusado de ter coadjuvado nessa agressão.

### Festas a S. António

Na próxima semana serão nomeados os membros da comissão para o próximo ano.

A comissão do ano corrente espera ainda o subsídio que a Câmara deste concelho, ficou de entregar no corrente mês, a fim de liquidar as últimas despesas.

Esperamos que os futuros membros aceitem a sua nomeação a fim de podermos continuar as festas que tão longe tem levado o nosso concelho e que são já um número obrigatório do qual não podemos prescindir sem quebra de bairrismo.

### MINISTÉRIO DA ECONOMIA

DIRECÇÃO — GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

#### EDITAL

Artur Mesquita, engenheiro — chefe da Delegação do Porto da Direcção-Geral dos Combustíveis.

**FAZ SABER QUE:**—a Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal «SACUR», requereu licença para instalar dois depósitos subterrâneos para gasolina e gasóleo com a capacidade de 4.990 litros cada, munidos de bombas auto-medidoras, incluídos na 2.ª classe com os inconvenientes de perigo de incêndio, sitos em Entre-Pontes, junto à Estrada Nacional n.º 101, ao Km. 83,460, freguesia de Lago, concelho de Amares, distrito de Braga.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, Rua do Padre Cruz, 62, no Porto.

Porto, 23 de Outubro de 1956

O Engenheiro-Chefe da Delegação,

Artur Mesquita



### Falecimentos

Na Freguesia de Bouro-Santa Maria—A Sra. Sufia dos Anjos da Silva, com 67 anos de idade, no dia 2 do corrente; Na freguesia de Lago—O Sr. José Pereira, com 73 anos de idade, no passado dia 8 do corrente.

### Novos assinantes

Do Senhor Manuel Veloso, nosso assinante em Lisboa, recebemos a importância respeitante à sua assinatura e a indicação, do Sr. Alvaro No-

ronha Lezanela, morador na rua da Lapa, em Lisboa, para novo assinante.

Agradecemos a sua indicação bem como as suas palavras.

Junto de nós esteve o Sr. Manuel Lopes da Silva, de Fiscal, a pedir a sua inscrição como novo assinante.

Gratos pelo seu pedido.

Pelo Senhor Professor Domingos M. da Silva, Digno Autor da Monografia do Concelho de Amares, foi-nos também indicado como assinante o seu vizinho e conterrâneo, Senhor José Rodrigues, morador na R. Elias Garcia, 259.-Lisboa. Muito gratos por mais essa gentileza para com o nosso Jornal.

### Obras em curso

Prosseguem em bom ritmo as obras de construção da Caixa de Crédito Agrícola, no Largo do Dr. Oliveira Salazar.

Em breve será adjudicada nova empreitada para que a dita obra não sofra quebra de continuidade.

### Transferências

Vão ser transferidos para o F. C. de Famalicão, os jogadores do nosso grupo João Pereira Janela e Artur Peixoto, duas das nossas melhores unidades.

Pena é que desta forma o nosso grupo se veja desfalcado.

### Movimento Judicial

A semana presente foi de intenso movimento no nosso Tribunal Judicial, a atestar que temos movimento suficiente para a restauração da comarca.

Durante a referida semana fizeram-se 22 julgamentos, só com o Tribunal da comarca que aqui se deslocou e, o mesmo, em virtude de quantidade de processos a julgar terá que cá voltar este mês.

Além disto, temos o movimento de julgamentos com a Magistratura do Julgado, que também é considerável.

### As placas de estacionamento no Largo Dr. Oliveira Salazar

Felizmente depois de terem decorridos alguns meses, já estão a ser colocados as placas de estacionamento proibido. Uma obra pequena, mas que se torna grande devido ao seu significado, muito virá beneficiar o trânsito naquele largo principalmente aos domingos e dias do mercado, onde costumam estacionar grande quantidade de veículos.

Outros reparos é necessário fazê-los, especialmen-

te a sua limpeza que por vezes dá um aspecto canfrangedor.

Além disso, o calcetamento do lado norte onde diariamente se verifica grande movimento e, ainda mais terá após a construção do prédio da Caixa de Crédito Agrícola Mútua.

Estamos esperançados que tudo se resolverá com o auxílio de todos.

### Aniversários

Quinta-feira—O Sr. João Maria Fernandes Barbosa.

Sábado—A gentl menina Izilda Arantes Meneses.

### Os passeios do Largo de D. Gualdim Pais

Começaram já as obras de construção dos passeios do Largo de D. Gualdim Pais, desta Vila.

Pelo ritmo dos trabalhos tudo leva a crer que eles ficarão concluídos até ao final do ano. Entretanto, continua-se a esperar que a nossa Edilidade resolva o assunto dos mictórios públicos! Qual das obras merecia maior carinho? A consciência de todos aqueles que cotidianamente sente a sua falta, deixamos a nossa pergunta.



### Não admira, é casada...

Num espectáculo publicitário perguntaram a uma rapariga quantas costelas tem o homem. A pequena não sabe... e fica envergonhada. A pergunta é feita depois a uma senhora mais idosa, que responde acertadamente.

—Não admira, murmura a jovem, ela é casada...

### Sou um idiota

O futuro papá "sai" de casa a correr, mete-se no automóvel e larga a toda velocidade para a Maternidade. Quando chegou ali, abriu a porta do carro e grita:

—Sou um idiota.

Esqueci-me da minha mulher!...

### No manicómio

Uma senhora visitando certa vez o manicómio, encarou com um dos loucos que mirava atentamente e, gracejando perguntou sorridente:

—Voce quer casar comigo?

E o louco, tomando uma atitude muito séria, respondeu após instantes de silêncio:

—Aceito, senhorita: mas primeiramente queria que você fizesse uma coisa!

—Que.

—Queria que fosse lavar a cara, porque essas tintas não me deixam ver se é mesmo bonita.

## ARES DE PARADELA DO RIO

## ...E os olhos falaram!

Nunca esquecerei, que não se pode esquecer.

Foi há pouco tempo. Num espaço, alegre e asseada dependência do nosso CAT — "Centro de Alegria no Trabalho" — recreava-se alegremente. Jogos, mesas de leitura, cadeiras de cavaqueira, o bar em pleno funcionamento... e um aparelho de telefonia a clamar, a despertar corações, a interceder junto dos que podem, dos que tem paz e alegria, um pouco de auxílio... uma esmola... uma centelha de vida para os que sofrem e agonizam... para o desmantelado povo húngaro!!!

O contraste era absoluto. E calaram-se as gargantas doidejantes de um recreio sadio e meritório; e o martelar de pedras, de dados, de chávenas e de taças emudeceu! No ar ficou apenas aquele grito de dor, aquele apelo comovente, aquele brado de alerta — que bem pode considerar-se feito a todos nós e por todos nós...

E tudo mudo e quêdo. Mas tudo falava e ansiava.

É que falavam os corações e, arrepiados de horror, pulavam os peitos arquejantes em frémito de desejo em socorrer tantas vítimas sem culpa, tantos seres indefesos, tantos irmãos nossos pela Fé e no sentimento!

\* \* \*

O mundo está a arder. Não importa a localização da "fogueira". Ateu-se o lume. A Humanidade sofre. Há lágrimas, há sangue, há vidas ceifadas, há miséria e fome, há corpos sem vida e há almas em luto e dor!

O silêncio é absoluto. E não só nesta sala, que lá fora, onde quer que um aparelho de telefonia se fez ouvir nesse comovente e sincero apelo, há silêncio! Há rostos caídos... há lágrimas de comoção e de solidariedade... Os lábios mudos e quêdos premiam-se num sofrimento interior. Ficaram apenas os olhares a controlar-se, a falar pelos

## Uma história de amor de Vittorio de Sica

(Continuação da 2.ª página)

é italiano, não tem a forma cabal e positiva de adultério, pois que não é esse o sentido intrínseco que de Sica procurou analisar. É antes um prelúdio do que poderia acontecer, mas não aconteceu, — mas que acontece quando o homem ou a mulher (aquí a mulher americana) se encontram longe das suas responsabilidades e perante as facilidades que a vida, traiçoeiramente, a todos oferece, e quando nós nos encontramos inteiramente isolados.

Mas ali, na «Estação Terminus», havia a vida em toda a sua exteriorização social, havia o contacto com a própria vida, ninguém estava isolado. Vemos então o poder de todos os pormenores e alguns a ligarem-se de maneira natural ao estado patético e quase psicopatológico daquele caso de amor, contribuindo eficazmente para um termo condigno e lógico.

Todos os pormenores do filme têm um alto e dignificante sentido. Vittorio de Sica partiu do pormenor para estabelecer a unidade, e foi feliz quer na planificação quer na montagem, realizando um bom filme, que nos revela esta certeza: em luta, por vezes, com pessoais e difíceis problemas, encontramos na vida, em sociedade, em simples e apagadas relações, muitas vezes a solução para o que nos inquieta. Nesta perspectiva é que reside o nervo colossal deste grande filme, de grande tomo psicológico.

Quem viu o filme pode fazer dele o juízo que muito bem entender. Todavia é bom lembrar que Vittorio de Sica e Cesare Zavattini são os responsáveis pela concepção desta obra e, ao que julgamos, e temos visto, não procuram brincar nem demolir.

E, uma vez mais, nem brincaram nem demoliram.

No capítulo artístico, destacamos Jennifer Jones e Montgomery Clift, dois bem conhecidos actores americanos. Ambas as interpretações são, única e simplesmente, soberbas.

Joaquim Monteiro (Jorge)

# TRIBUNA Internacional

## Situação no Médio-Oriente

O estado de Israel aceitou a proposta de Eisenhower com vista à retirada das suas tropas de território egípcio, e também aceita fazer parte das forças de polícia do Médio-Oriente.

Está em formação uma força de polícia da O.N.U. para o Médio-Oriente, na qual se põe muita esperança para o

corações e pelos lábios. Os sentimentos estavam em grau gémeo. Havia coerência total.

\* \* \*

Controlando os suspiros de cada um, era fácil entender a doutrina que os olhos ditavam:

— Enquanto esses nossos irmãos sofrem tantos e tais horrores, estamos aqui em alegria, com asseio e conforto, plenos de vida e de esperança, gozando uma paz completa!

— E por quanto tempo viveremos ainda este doce maná no meio de um mundo revoltado e convulso?!

— Pois seja bendito Deus que assim nos protege e que nos predestinou Homens que proporcionassem uma vida de paz!

— Pois que seja bendito, que do nosso sangue, do nosso magro erário, das nossas preces e sentimentos, irá até junto dos que sofrem *essa verdade* que os nossos olhos ditaram!

Paradela do Rio, Novembro de 1956

Bernardino Ribeiro

## Isto vai de mal a pior

(Continuação da 1.ª página)

nenhuma consciência, por mediana que seja, tem dificuldades em reconhecer.

O nosso deplorável estado de coisas mantém-se como corrente de água que é preciso juntar e, juntar muito, para que a rega seja mais profícua.

Não vá, todavia, a seara depauperar-se em demasia, por tão serôdia ser a rega que aguardou em dias de sol de verão e lhe foi enviada em tarde melancólica de outono, quando a seiva se havia estiolado.

Um minuto de noção das responsabilidades — de baixo ou de cima — e o concelho entraria no caminho da esperança — no caminho do Estado Novo.

apaziguamento desta nevrálgica zona internacional.

O Egípto aceitou o cessar fogo na zona do Canal de Suez, mas supõe-se que seja uma manobra para ganhar tempo enquanto não lhe chegam reforços da União Soviética, pelo que as forças anglo-francesas se mantêm prontas a actuar, em qualquer emergência.

Segundo um comunicado do Quartel Geral da Ilha de Chipre, reina a calma no Egípto.

O Secretário-Geral da O.N.U. confirmou que Israel aceita retirar as suas forças do Egípto.

## Deus salve as nossas almas!

(Continuação da 1.ª página)

para os tanques inimigos, mas como simples protesto contra a vilania do seu acto selvagem, monstruoso até ao último requinte da monstruosidade.

Em extenso campo de martírio se está transformando a Hungria, numa luta mais que estreme entre o bem e o mal.

Ergue-se o espírito contra a matéria num combate aparentemente insensato e estéril, mas o certo é que ao desaparecerem corpos e mais corpos, surgem espíritos e mais espíritos de mártires que além túmulo se levantam contra os seus assassinos e suplicam ao Deus Misericordioso e Justo que o seu sangue de mártires não seja derramado em vão!

O coro ingente dos 30.000 ou 40.000 mortos — ou quem sabe de quantos — clama vingança e pede em uníssono que seus filhos e suas viúvas, por quem tão generosamente se extinguíram, encontrem a

## Grémio da Lavoura de Amares

Este grémio, organiza no próximo dia 11 do corrente, uma excursão de visita a Exposição Agrícola, no Palácio de Cristal, no Porto.

Esta mesma excursão terá partida pelas 15 horas, do Largo de D. Gualdim Pais, desta Vila.

TRIBUNA LIVRE é distribuída em Braga, no Quiosque Central, Largo do Barão de São Martinho.

## Situação na Hungria

Foi inscrita na ordem do dia da O.N.U. a situação na Hungria, apesar da oposição do delegado do governo fantoche húngaro, que alegava ser assunto que apenas respeitava ao seu país.

O representante cubano declarou que os russos e o governo comunista húngaro, são responsáveis pelo assassinato de 65.000 húngaros.

O delegado português verbalizou as más acções dos soviéticos e acusou Moscovo de ter calçado aos pés a História Húngara. Disse que ondas de sangue correm neste país mártir, mas nada impedirá que as forças naturais actuem: o gesto soviético traz em si os germes da sua própria destruição.

paz e a honra numa nação livre, pela qual lutam. É esta a prece ardente que fazem ao Deus dos Exércitos, enquanto que o mundo pasma perante a ousadia e crueldade do urso sanguinário e ajelha diante de tantas vítimas sacrificadas aos altos ideais do patriotismo e da fé!

Raramente se terá visto em toda a história da humanidade, tamanha vontade de vencer, tão arreigado amor à liberdade, e, em contra partida, tão desumana forma de proceder para com o próximo, tamanha afronta à dignidade humana!

Ao veemente protesto do mundo livre, juntamos a nossa débil voz, embarcada pela comoção, com a alma compungida de dor!

E me

## Em prol da mensagem desportiva, em Braga

(Continuação da 1.ª página)

ramente, sem educação física, e todo aquele ambiente de defesa e auto-domínio, preparação e cultura que o desporto integral, bem orientado e honestamente praticado, por si mesmo irradia como dádiva bendita da natureza.

E há que levar em conta que a cidade possui um magnífico Estádio que deve, acima de tudo, servir a Juventude no que ela tem de mais belo, em potencial, no seu cerne sanguíneo: a Vida!

Urge, assim, organizar e manter em Braga a prática do atletismo, para o que não carecemos de mocidade, de meios e condições.

(.) M. J

## A alegria do lar é uma força na vida

Alguns dos lares mais felizes, que tenho conhecido, lares em que reina a inteligência, a paz e a concórdia, são lares humildes, aqueles que imitam a sagrada família, José, Maria e Jesus, os mais humildes de todos os tempos.

Nem os ricos tapetes nos sobrados, nem lindos quadros nas paredes, nem piano, nem biblioteca, nem obras de arte, pode fazer a felicidade dum lar. É triste ver um homem a lutar com todas as suas forças para amontoar alguns escudos, mas desprezando completamente aquilo para que nasceu: uma vida feliz, enriquecida pela mulher e pelos filhos. O ouro e o dinheiro podem comprar uma propriedade, mas não um lar; que riquezas de ternura, de abnegação, de bondade e de paz, transformaram humildes habitações em palácios onde o coração se expande!

Um jovem deve lembrar-se, quando marido, de que uma mulher sacrifica infinitamente mais coisas ao homem que ela ama, do que ele a ela, e deve pensar em prevenir as decepções ao começo da vida conjugal. Se os esposos assim entendessem a vida, não haveriam processos de divórcios ou separações infelizmente tanto em uso. Os homens julgam-se muitas vezes superiores às mulheres só porque sustentam a família e imaginam que o facto de ganhar o dinheiro é uma habilidade superior. E afinal, o melhor dos seus sucessos, deve-se à

influência das suas mulheres ao seu tacto, à sua habilidade em dar felicidade ao seu lar. Uma boa esposa vela pela casa de maneira que o marido esteja bem disposto para o trabalho; impede-o de se atormentar, livra-o da dissipação e de tudo que lhe possa deprimir as forças e a energia para a luta da vida. Muitos homens são sádios, normais e cuidadosos, graças à influência das suas mulheres. Um lar modelo é uma grande salvaguarda para o homem.

Mantendo-lhe energia, impede-lhe o desalento. Desenvolve o lado afectuoso da sua natureza e torna-o mais forte e equilibrado. O homem produz mais, quando a concórdia e o afecto reina no seu lar. Há muitas mulheres que nada reclamam, completamente desconhecidas, e que nem por isso deixam de ter sido as autoras da reputação dos seus maridos. Outras há que auxiliam tão discretamente os maridos que eles nem dão por isso. Tem-se dito que o amar é apenas o episódio na vida do homem, e uma época inteira na vida da mulher. Muitos homens não amam tanto as suas mulheres como elas os amam. Uma mulher dedicada, facilmente desculpa as fraquezas do marido. Não atenta, em que as mesmas coisas em que ligava tanta importância antes de casar são as que hão-de reter depois o marido, e que nisto consiste o seu poder mágico. O homem não ama como a mulher,

a sua afeição é mais egoísta. Quando uma mulher honesta dá o seu amor, é para sempre; e a sua dedicação depende dos atractivos, como sucede ao esposo. É verdade que há mulheres que cometem o erro fatal de não serem tão atraentes depois do casamento como o eram antes; pensam bastar-lhe o seu valor real para reterem o marido, e que não é preciso cuidar de encantos, vestuário e maneiras cativantes.

Mas, se a vossa companheira vos trouxe decepções, examinai-vos a vós mesmos e vede se em parte não sois culpados na decepção. Uma mulher, tem pouco gosto de se apresentar decente, quando o marido só sabe criticar-lhe mordazmente o penteado ou vestuário. Não é fácil a uma mulher ser amável e falar afectuosamente a um homem que só lhe ralha e faz observações rabujentas, por vezes inoportunas. A mulher não pode criar sózinha a felicidade do lar, é necessário e obrigatório, que o marido contribua nos diversos factores para uma perfeita harmonia no lar como Deus quer. O respeito, um pelo outro é o principal alicerce da felicidade; achais justo falar à vossa companheira num tom em que vos não atreveríeis a falar a outra mulher?

Tentai, durante algum tempo, usar de louvores e amabilidades. Deixai ralhos e palavras injuriosas.

Disse Deroteia Dix:—«O louvor estimula, censura deprime.»

E Ela Wheeler Wilcox também disse:—«Se reconheceis que dentro dum ano o vosso casal teria de desfazer-se pela morte de vossa mulher, ou de vosso marido, como vos por-

taríeis durante esse lapso de tempo? Impacientar-vos-eis por causa de ninharias, arriscando a vossa felicidade e a dos outros, só porque o jantar está atrasado ou porque houve qualquer mal entendido sobre a hora de partida ou lugar em que devíeis encontrar-vos? Irritáreis, desesperaríeis a pessoa a quem estais ligado por toda a vida? Creio que não. Seríeis cheio de atenções, paciente e bom, sabendo que o rosto daquela que amais, depressa desaparecerá diante dos nossos olhos e que depois

não mais ouvireis a sua voz tão querida. Pensaríeis em todas as virtudes dessa mulher ou desse homem, recordaríeis os dias felizes da lua de mel, e desculparíeis todas as faltas como então-fazeis.»

Porque não se há-de testemunhar a mesma indulgência a mesma cortezia, a mesma afeição, àquele ou àquela que vivera connosco muitos anos? «Quando um casamento é o que deve de ser, o verdadeiro romance começa no dia de

(Continua na 6.ª página)

## MAR

Catedral imensa e ondeante,  
Onde a luz jamais penetrou  
E onde a minha mente de estudante  
Novas ideias e idílios encontrou.

Ditoso o pescador que enfrenta o vento,  
Ou desliza num brocado cor carmim.  
Maldita seja eu se no momento,  
Penetro os teus mistérios sem fim.

Minhas dores saindo do peito comprimido,  
Através tuaimensidão vão vaguear;  
E eu sinto na aragem o som dolorido  
De ti voltando sonolento entristecido  
E me torna triste e me faz penar.

Para ti vou cantando a alegria  
Que jamais em meu peito penetrou.  
Maldizendo a plangente melancolia  
Sopro lento que sempre me enlaçou.

E tu mar... e tu mar que farás  
Ao grito de arriba... arriba... bem forte?  
Nas tuas entranhas me sepultarás  
E atrás de mim, o odor da morte.

É tolo na verdade o meu cantar,  
Mais tolo ainda é o meu sofrer  
Mas, mesmo cruel tu és doce ó mar;  
E eu pressinto chegada a hora de morrer.

Jândira Fernandes

Folhetim da "Tribuna Livre", 1

## O Sem Lar

Conto de Joaquim Montelro (Jorge)

1

A minha velha, pequena e pacata cidadezinha onde nasci desapareceu no lapso de doze anos em que estive ausente...

Corri o mundo, o mundo soberbo e maravilhoso. E regressei. E não encontrei mais a minha cidadezinha.....

Mataram-na como quem mata uma criança!...

2

Há quanto tempo me separei da vida em benefício da Vida? Há quanto tempo meus olhos, cansados e eternamente lacrimejantes, não vêem um ser humano?

Estou só. É de estarrecer. É abafante. Ao meu redor sol, vento, e chuva e neve e rochas e árvores e bichos e gritos de morte. Não tenho casa. Fiz algumas com troncos e ramos e céu e terra, mas os ventos e as chuvas e os bichos destruíram nas. Durmo por sobre folhas e cobro-me com um lençol de ervas secas... Eu sou um animal... A barba cresce no rosto magro e bronzeado e ossudo como o de mongol ou profeta... Os cabelos, fortes e enrijados descem pelo tronco que o sol estarrecante enegreceu e tornou lúcido... De vez em quando eu corto-o com uma folha de ferro que afiei e encontrei alhares, quando esgadanhei no solo em busca dum lenitivo para as dores tormentosas do meu braço, onde uma víbora se enroscou e mordeu... Alimento-me de ervas e folhas...

É árdua a luta no entanto, pela morte... Espero-a há muito talvez há milénios. Mas não vou nem ando ao seu encontro. Era só querer, pois eu tenho a morte nas mãos, nestes dedos longos e finos... Fui sempre contra à morte. A vida é coisa sagrada. Outro que visse esta

tragédia de abandono e solidão, este desespero de banimento e excomunhão, talvez se processasse contra a dignidade da vida. Uma corda ao pescoco e era só pendurar-se no espaço... O peso dos pés seguindo a lei da gravidade... O corpo suspenso, seguro pelo pescoco estrangulado num fio... Um rápido esbracejar, uma alucinação de medo... e a quietude serena e abafante da morte...

Mas eu quero viver, embora saiba que a minha única esperança é a morte. Ela virá...

O sol calcinador parece fazer vibrar as folhas e os ramos destas fantasmagóricas e folhudas árvores seculares. As rochas parece que gemem e a terra parece que estala... Esvoaça um sussurro de eternidade por toda esta maldita floresta de torturosa melancolia. Mas tenho paz!

Reneguei à Civilização... Recuei ao ninho do mundo, à eterna mãe da vida: a Caverna...

...A velha e pequena cidade...

...Desapareceu! Tudo destruído. Consumado. Tudo perdido, horrorosamente perdido.

Foi lá em que eu nasci. Nasci e o dia engalanou-se e tornou-se festivo. Um nascimento na minha cidadezinha era um dia de festa. A vida é uma festa. Melhor: o despertar para a vida. Era assim pelo menos na minha perdida cidadezinha. Velha. Pacata.

Na quietude dos montes ela parecia bailar como uma ninfa. A região era agreste, porque montanhosa e cheia de bosques. Era uma região cristã e laboriosa. A terra, se não era o céu era, pelo menos, a face onde o manto azul se espelhava. Terra boa e generosa. Matava a fome ao homem que, com ela, gloriosamente lutava. A terra é como a mulher: fértil e difícil de manejar, isto é: de conhecer. Mas ambas são amor e fertilidade. A terra é o altar do povo pastoril, como o povo da minha cidade, terra onde se afocinhavam o coração e alma nos torrões quentes e fumegantes. Por ela se vivia e amava e temia Deus.

Região de vales a perder de vista no frisado de planícies eufónicas, a vida era um orgasmo de evecção na mais plena eurrítmia de liberdade e respeito pela própria vida. O povo enraizava-se nas mais doces e suaves litánias de crença que, de geração a geração, se mantinham impolutas. A minha cidade era uma sílide pletra que presidia ao destino das terras, dos corpos e das almas.

(Continua)

# MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

pedestal a coroar o cimo destas montanhas, o modestíssimo monumento de uma recordação piedosa.

Sobre os antigos Hermínios levantaram os habitantes da Beira glorioso padrão a consubstanciar os feitos gloriosos dos Lusitanos, não obstante alguns dos mais abalizados historiadores dos tempos modernos se recusarem a entroncar neles, por falta de identidade de raça e de continuidade de acção, os empreendimentos heróicos dos Portugueses da Fundação.

O mesmo não pode com verdade dizer-se quanto aos «Lusitanos do Norte» que, entrincheirados desde sempre por estas montanhas acima de Braga, jamais poderá impufar-se-lhes a cessação da sua actividade na defesa da própria independência, resistindo primeiro com denodo e brio às legiões dos Césares, submetidos depois pela força das circunstâncias, a influência benéfica da mais intensa romanização que ainda hoje aqui pode verificar-se através de vestígios de uma obra incomparável de fortificação, de velhas pontes e estradas, inscrições e miliários, meio e veículos de uma acção civilizadora, em que a língua, religião e costumes, como a própria raça, começaram a mesclar-se.

Supportando os actos de vandalismo suévico, aos primeiros alvares da Evangelização e da pureza da caridade cristã, que, mal despontara, logo galvanizou profundamente as almas, de modo a evitar providencialmente que naturais e invasores se travassem em duelo de morte e dilacerassem como feras, comungaram depois da pacificação visigótica que se extinguiu nas margens do Guadalete com a derrota de Roderico, que toda a Espanha chorou inconsolavelmente.

Quando por detrás destas montanhas souo o grito de guerra do herói de Covadonga, o nobre Pelágio, os seus habitantes em breve recuperaram alento e pouco a pouco foram-se revestindo da personalidade varonil e forte que também os fez restauradores de reinos cristãos.

Aquí, sem dúvida, encontra-se o natural e desejado encadeamento das acções heróicas de nossos maiores, desde os feitos brilhantes e generalizados dos habitantes da antiga Lusitânia até aos tempos heróicos da Reconquista, podendo asseverar-se que destas terras privilegiadas da Natureza, a que o Criador do Universo imprimira as formas gigantescas, brotou abundantemente a verdadeira fonte pura da Lusitanidade.

Com o ruir do império visigótico em 711, a cavalaria cristã desbaratada que pôde escapar-se, perseguida pela onda avassaladora do islamismo que alagou a terra peninsular em mar de sangue e ruínas, veio fortificar-se por estes montes.

Houve quem aventasse a hipótese do possível armamento destas terras, com base no *Christianos secum ad patriam duxit* de Afonso I das Astúrias.

Puro engano; e só assim julga quem mal conhece e aprecia de longe as arreigadas e profundíssimas tradições destes antigos povoadores das montanhas, que já no tempo dos romanos, quando estes supunham a terra deserta e despovoada ou limpa dos naturais, seus inimigos, e-los que surgiam de emboscadas, dos próprios troncos carcomidos de velhos robles, através da espessura de florestas seculares, do que lhes proveio o topónimo de *querquenos* —antiquíssima cidade de *Aquae-Querquenae*, junto à nascente do Homem.

Agora, serviram de valhacoito e asilo a essas turbas de cavaleiros andantes, restos de velhos castros e cidadelas, desmantelados pela fúria dos tempos e de muitos povos invasores; toscos pardieiros e castelos de madeira, à semelhança da cova de Santa Maria no monte Auseva ao primeiro rei das Astúrias, num improvisamento e belo significado de que não pretenderam fixar-se e gosar as delícias da terra, mas ir cada vez mais além e muito longe em novas arremetidas, até lançarem de novo ao mar, varrer da Espanha seus irreconciliáveis inimigos.

Criaram os filhos por nobregas e paramos, pelo sistema de amadigos, que os textos das Inquirições tão clara e frequentemente deixam transparecer que se encontravam generalizados por estas terras, enquanto se ocupavam na guerra contra os infieis ou iam e voltavam das cruzadas.

Só mais tarde desceram seguramente à planície em novas gerações, a repovoá-la, a levantar das ruínas as povoações, a construir torres e solares, igrejas e mosteiros, as fortalezas de pedra que serviram de pulmão de aço contra novas investidas e ainda hoje se elevam soberbas e altaneiras no coração das vilas e cidades, ou em descampado.

Antes, porém, sofreram longos tempos de privação e sobressalto estes habitantes das alturas.

(Continua no próximo número)

## CALENDÁRIO

10—SÁBADO: S. André Avelino e Ss. Trifon, Respício e Ninfa.  
11—DOMINGO: S. Martinho (b.c.) e S. Menas.  
12—SEGUNDA: S. Martinho (pa. pa).  
13—TERÇA: S. Diogo.  
14—QUARTA: S. Josafat (b.m.) e S. Veneranda.  
15—QUINTA: S. Alberto Magno (b. c. dr).  
16—SEXTA: Ss. Valério e Inês de Assis.

## Em prol da Mensagem desportiva, em Braga

(Continuação da 1.ª página)

nacional. E sempre que o fizemos tivemos como único ponto de orientação e influência a actividade desenvolvida num passado cada vez mais distanciado por um presente que, de ano para ano, se nos apresenta mais nú e batido pela nortada desabrida dum desinteresse que não tem razão de existir.

Duma maneira genérica, a juventude minhota tem intuição e goza de naturais qualidades para a prática dos desportos. Não aproveitar essa riqueza juvenil será perder, desportiva e socialmente, muitos e muitos recursos, até porque a prática do atletismo, especialmente, — e esta é a nossa questão—pode assegurar e conduzir para um melhor aproveitamento das modalidades que Braga dispõe, ou sejam: o futebol e o óquei.

Retrocedendo no calendário do tempo poderíamos apontar, num desejo de esclarecimento e numa atitude de rememoração, quão vasto e brilhante e belo foi um passado de actividade desportiva em Braga, na qual a sua juventude praticou e viveu, com aprumo, entusiasmo e beleza, um alto e digno espírito atlético, que urge trazer de novo à realidade. Desse esforço, dessa rica e fecunda escola que o tempo carcomiu, brotou uma pléiade de atletas que levaram bem longe o nome polícromado do Minho viridente e festivo, encastoando-o nas quinas luzitanas e que atingiu craveira olímpica!

Um nome apenas desejamos indicar como o mais glorioso testemunho dessa fase: Nuno Morais. Mas outros podíamos trazer à memória dos nossos leitores, mormente à dos bragueses, como um incentivo.

Braga já foi uma grandiosa edificação no panorama atlético-desportivo, mercê dum entusiasmo que soube encontrar dignos orientadores. Confrange, portanto, as realidades dos nossos dias, onde a juventude se dissipa e envilece prematu-

(Continua na 4.ª página)

## Confraria de S. Pedro de Rates Besteiros — Amares

(Continuação da 4.ª página)

—ia a palestra eclesiástica— como remate dum retiro espiritual, muito bem passado e vivido.

Aquí fica o meu alvitre e o meu apêlo bem sentido, que faço a todos os meus queridos colegas, que ainda não são irmãos, visto não termos no concelho, outra Agremiação Clerical, senão esta pobre Confraria, que tende a extinguir-se por falta de confrades.

Os encargos são pequenos, bem fáceis de cumprir, e os lucros, as receitas espirituais são enormes, são riquezas de alma, são tesouros que colocamos nas mãos de Deus e que renderão cem por cem, ajudando-nos tudo isto a santificarmos a nossa vida cristã e sacerdotal. Mãos à obra: um por todos, e todos por um. São interessantes os seus estatutos antigos, que tenho entre mãos, do ano 1885—que me servirão de algumas crónicas de propaganda—e cujos artigos, rezam assim:

Capítulo 1—Da criação, sede e distrito da Confraria:

Artigo 1.º—Não é, conforme a tradição, fácil assegurar, a época da instituição desta tão salutar como piedosa obra. A opinião dos que a fazem remontar ao ano de 1552, em que foram trasladadas para a Santa Sé de Braga, as preciosas relíquias do seu primeiro Prelado e Pastor - o Glorioso Mártir, S. Pedro de Rates - e ao qual os primeiros fundadores desta Confraria tomaram como seu patrono, prevalece, como mais provável, contra a dos que a fazem remontar mais longe.

Tanto cresceu e aumentou esta Confraria, que em breve tempo se podia reputar por uma das mais autorizadas e prósperas do nosso Entre Douro e Minho; porque, desde logo nela se inscreveram e permaneceram como Confrades por largos anos, os eclesiásticos dos Concelhos: Regalados —Vila Chã—S. João de Rei—Lanhoso—Couto de Bouro e Termo de Braga.

Teve a sua primeira sede na Igreja paroquial de S. Martinho de Carracedo, até que, pelo ano de mil seiscentos e dezoito, (1618), se transferiu para esta Capela de Nossa Senhora da Guia, na Quinta da

Tapada—Freguesia de S. Miguel de Fiscal, onde actualmente existe: (1885).

Em vista do exposto, poder-se-á efectuar a mudança e transferência da sede desta Confraria para outra Igreja ou Capela, se as circunstâncias e utilidade da mesma assim o reclamarem.

Artigo 2.º—Esta mudança e transferência, contudo, só se poderá realizar por voto e decisão de todos os irmãos sacerdotes, sendo sempre colocada nos limites deste Concelho de Amares e passando com ela para a sede da transferência, as Imagens do Glorioso S. Pedro de Rates e de Santa Ursula e todos os paramentos, alfaias e mais utensílios que lhe pertencam.

Artigo 3.º—São compreendidas no distrito desta confraria, as freguesias dos concelhos de Amares, Braga, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vila Verde.

(Continua)

P.º Calisto Vieira

## A alegria do lar é uma força na vida

(Continuação da 1.ª página)

nupcias.» Muitos homens ignoram o pouco que é preciso para uma mulher ser feliz. Se souber ser amada, abandonará tudo, suportará a pobreza e as privações só para dar encanto e conforto ao lar. Mas se o seu coração não viver satisfeito, ela deprimir-se-á embora viva num palácio, rodeado do maior luxo. Nenhuma fortuna pode substituir na mulher a afeição e a estima do seu marido, manifestadas em inúmeras e pequenas delicadezas. O grande escopo de todos os recém-casados devia ser, evitarem a invasão da rotina e conseguirem a conservação não só do amor, como dos testemunhos desse amor, e por todas as formas possíveis. Na felicidade do lar reside a força dos dois. Não basta o sentimento. É preciso ainda a boa vontade para manter, na prática, a harmonia e a alegria de viver. Um homem discreto deverá evitar tudo o que possa dar atritos; e não há melhor meio para isso do que formar uma sociedade em que a mulher dirija o governo da casa à vontade e o homem

com igual liberdade trate dos seus negócios. O lar deve ser considerado o reino da mulher, a qual deve poder governar à sua vontade. Está certo se ela quizer pedir a opinião do marido, mas deve entender-se que o lar é o domínio dela, que o lar depende exclusivamente da sua vigilância e que a esposa se deve sentir perfeitamente independente no governo doméstico, como o marido o deve ser nos seus negócios. Grande parte dos atritos conjugais resultam das dificuldades financeiras, e poderiam evitar-se com aplicação mais sensata dos recursos do lar. É raro, de ordinário, que um homem saiba gastar, com tão bom senso e acerto, como a sua mulher, quando esta é digna do nome que goza, rainha do lar. Quando a liberdade e a alegria são o apanágio da esposa, tornam-se a herança dos filhos. Uma infância feliz é a melhor das preparações para uma feliz idade madura.

Emitemos a sagrada família. A alegria do lar é neste mundo um ser poderoso ao serviço do Bem.

Avlís